

PUIG OU O DIÁLOGO COMO FORMA DE DISCURSO

Carlos d'Alge

A presença de Manuel Puig em Fortaleza coincidiu, para satisfação dos intelectuais cearenses, com a outorga do Prêmio Nobel de Literatura, de 82, a Gabriel Garcia Márquez. O prêmio, como afirmou o autor de *Cem anos de solidão*, pertence a todos os escritores da América Latina. É o reconhecimento de uma literatura extremamente rica e mágica que supera a esgotada ficção da velha Europa.

Outro aspecto a referir nesta visita de Manuel Puig é o renovado interesse pelo estudo da língua espanhola pelos autores espanhóis e hispano-americanos. Como vimos, estudaram-se na UFC textos de Cervantes, Garcia Lorca, Vargas Llosa, e da atual crítica espanhola. Isso muito me alegra, pois a Universidade, inexplicavelmente, há cerca de dezoito anos, fechou os olhos a uma realidade vizinha, restringindo o ensino do espanhol ao nível da extensão. Com o retorno do então professor de espanhol Adolfo Cuadrado Muñiz a Madrid, o ensino daquela língua não foi mais ministrado na área de graduação da Universidade. A hoje Casa de Cultura Hispânica viu-se limitada a ensinar espanhol a alunos do 2.º grau e a alguns interessados da Universidade, constituindo-se a sua maior clientela de candidatos ao Vestibular.

Agora, com o reinício do intercâmbio com as entidades espanholas, e a vinda de um Leitor universitário, o professor Antônio Maura Barandiaran, espera-se que a Universidade inclua no seu elenco de disciplinas do Curso de Letras o ensino da língua e da literatura espanhola, bem como da literatura hispano-americana. Afinal de contas, Brasil e países sul-americanos constituem um bloco cultural com os mesmos problemas e as mesmas aspirações. Além disso, cabe reparar um

velho erro, o desconhecimento da literatura desses países em privilégio das literaturas europeias e especialmente da norte-americana que dispõe, para venda e consumo, de uma ampla estratégia de *merchandising*. É deplorável que desconheçamos os escritores da Venezuela, Colômbia, Uruguai, Bolívia, Chile, Guatemala, Cuba, Argentina, Peru, Equador, Paraguai e México. Conhecíamos Gabriela Mistral e Pablo Neruda. Gabriel García Márquez, Jorge Luis Borges, Miguel Ángel Asturias, Júlio Cortázar, Alejo Carpentier, Vargas Llosa e Octavio Paz somente começaram a ser traduzidos entre os anos 60 e 70. Mais recentemente foram publicadas as primeiras traduções de Ernesto Sábato, Augusto Roa Bastos, Eduardo Galeano, Carlos Fuentes e Manuel Puig.

Todavia, há outros tantos escritores que precisamos conhecer e ler, como Lezama Lima, Horácio Queiroz, Juan Onetti e Felisberto Hernández. Também há necessidade de se reeditarem alguns clássicos desses países, como José Martí, José Hernández e Rômulo Gallegos. Infelizmente lê-se pouco aqui no Nordeste. A sociedade que poderia consumir mais livros e, enfim, atualizar-se, prefere consumir outros produtos industrializados. O produto cultural fica em segundo lugar e só é adquirido se é moda ler-se determinado escritor quase sempre privilegiado pela publicidade na televisão. No Brasil de hoje há autores também muito importantes, lidos e discutidos lá fora, e que mereciam maior leitura na sua terra. É o caso de Antônio Torres, João Antônio, João Ubaldo Ribeiro, Murilo Rubião, Rubem Fonseca, Sérgio Sant'Anna, Gerardo Mello Mourão e, para citar dois cearenses no campo da ficção: Moreira Campos e José Alcides Pinto.

Mas voltemos a Manuel Puig que nos visitou, e ofereceu aos leitores cearenses dois dos seus romances em tradução brasileira: *Boquitas Pintadas*, considerado o seu maior êxito portenho, e o seu último romance, escrito e ambientado no Brasil, *Sangue de Amor Correspondido*. Manuel Puig é autor de sete romances, o primeiro escrito em 1968, *A traição de Rita Hayworth*, a que se seguiram *Boquitas Pintadas*, *The Buenos Aires affair*, *O beijo da mulher aranha*, *Pubis angelical*, *Maldición eterna a quién lea estas páginas*, e *Sangue de Amor Correspondido*.

Puig começou pelo cinema. Em 1956 viajou para a Itália como bolsista e como profundo admirador de Alfredo Hitchcock, Fritz Lang e Ernest Lubistch. Em Roma tomou contato com o cinema neo-realista e com as teorias de Zavattini. Entusiasmou-se por De Sica e por Rossellini. E com eles aprendeu que

O cinema narrativo de Hollywood era reacionário, isto é, escapistista. Entretanto, não se satisfaz com a visão dos neo-realistas que mostravam uma realidade fotográfica mas carente de dramaticidade. Logo abandonaria a Cinecittá, para trabalhar em Nova Iorque, e cuidar dos seus textos.

Essa aprendizagem, contudo, formou o ficcionista que iria aproveitar os materiais em bruto para construir uma novelística profundamente identificada com a realidade latino-americana, mais especificamente com o ambiente argentino. Desprezando a forma tradicional da narração em que, quase sempre, o autor é onisciente, Manuel Puig prefere narrar através de outros recursos e formas. Criticou-se essa maneira de o escritor criar, disse-se que era muito simples fazer isso, porque o texto carecia de narrador. E como não havia narrador, aí se atacou Puig. Entretanto, se Puig não aparece como narrador, isso não quer dizer que ele não esteja presente no texto. Ele está cada vez mais escondido nas falas das suas personagens. Assim, em Puig o diálogo assume uma forma preferencial, em outras palavras, o diálogo é a forma do seu discurso.

Em Nova Iorque, onde viveu por duas vezes, Puig escreveu o seu primeiro romance, que é autobiográfico, e o sexto romance, ainda sem tradução brasileira, *Maldición eterna e quién lea estas páginas*. Foi em 1977. Puig que estivera nos anos 60 nos Estados Unidos deparou-se com a morte do sonho americano e, numa certa piscina pública onde ia tomar banho, encontrou um homem solitário com quem procurou conversar. Este homem queria aprender línguas, era marxista e gostaria de ser escritor. Puig assumiu a sua personalidade, enquanto o seu interlocutor desejava assumir a do seu entrevistador. O que aquele solitário dizia a Puig este passava para a máquina de escrever. Esse diálogo acabou por resultar no romance.

Vemos, assim, como o diálogo é fundamental nos romances de Puig. *Pubis Angelical* também se originou desse processo. Os dois personagens Pozzi e Ana dialogam. Puig assume o lugar de Ana e alguém que o escritor já conhecia assume o lugar de Pozzi. Puig não crê nem no narrador nem na objetividade de uma terceira personagem. Entretanto, não são apenas os diálogos que compõem a estrutura romanesca, os personagens também escondem suas fantasias e seus medos, e o diário, no caso, é um bom recurso para se abrigar os desejos inconfessados ou as fantasias reprimidas.

Dissemos que os romances de Puig retratam também a sua experiência histórica como partícipe de um processo que envolveu o peronismo e os sucessivos golpes militares. Puig não discursa diretamente sobre peronismo e militarismo. Em

The Buenos Ayres Affair e *Maldición eterna* os seus personagens assumem diferentes pontos de vista sobre o processo político argentino. Puig prefere contar histórias e apresentar visões personalizadas acerca desse processo. De modo que os leitores, através de uma visão deformada e personalizada de uma personagem, podem compreender melhor o que se passou e o que se passa na Argentina.

Boquitas Pintadas, de 1969, é o segundo romance de Manuel Puig. Com humor e ironia, Puig aproveita todos os ingredientes que povoam os sonhos da pequena burguesia, anseios, fantasias, para criar uma atmosfera *kitsch*, onde se misturam letras de tangos, lembranças de filmes da Paramount e Universal, musicais da Metro, as populares fotonovelas e o dia-a-dia provinciano, limitado ao restrito código social, incapaz de ser transposto e, portanto, causador da alienação, e que busca refúgio e saída nos mitos do cinema e das histórias de folhetim. Assim Puig classifica *Boquitas Pintadas*, é um folhetim dividido em fascículos, como os velhos fascículos das intermináveis novelas da nossa adolescência, procedidos de letras de tangos e boleros de Carlos Gardel e Alfredo Le Pera. A trama gira em torno de um conquistador de província, um tal de Juan Carlos Jacinto Eusébio Etcheare, que acaba por falecer vítima da tuberculose. As suas paixões, ciúmes, angústias são conhecidas através de cartas à sua namorada Nélide ou Nené, de bilhetes, agendas, monólogos interiores, relatórios, recortes de jornais e documentos oficiais. E até da leitura de cartas por uma astuta cigana.

Uma pequena nota sobre a tradução: o tradutor tomou a liberdade de incluir termos como *birita*, *biriteiro*, *forró*, que são muito brasileiros, assim, como as expressões *numa boa*, *numa pior*, possíveis se a história se desenrolasse na atualidade, mas ela se passa entre 1935 e 1947. Daí... A fantasia e o folhetim que Puig defende como conteúdos inconscientes, fantasia e folhetim que tiveram sua linguagem popularizada por Júlio Verne, Emílio Salgari, Xavier de Maistre, Eugène Sue, Perez Escrich, para citar alguns nomes, e nos filmes de Hollywood, estão presentes em todos nós. A intenção de Puig é reconstruí-los por meio de uma realidade que possa ser reconhecida. Essa realidade está patente nos diálogos, no coloquialismo recolhido como se o gravador estivesse sempre presente. E quase sempre está. Coloquialismo que se adensa e se torna mais expressivo em *Sanque de Amor Correspondido*. Puig esconde-se nos seus personagens, o pedreiro Josemar e a sua namorada Glória. As conversas

são banais, o escritor parece estar cada vez mais indiferente ao fato de que está a contar uma história. Na verdade, Puig está cada vez mais preso ao gravador, daí resultar a sua história extraordinariamente viva e objetiva. De gravador em punho, o escritor capta a conversa de Josemar e a sua história de amor.

Josemar é um brasileiro como centenas de milhares de brasileiros, habitante de um mundo urbano e rural, oscilando entre a miséria social, o estatuto proclamado (e bendito...) do machismo nacional, e a imensa pobreza das periferias que se agigantam como imensos cogumelos às margens das grandes cidades. Josemar conta a sua história, como conheceu Glória e como obteve a sua iniciação sexual. Na medida em que a linguagem do pedreiro se liberta do medo e da timidez, o romance cresce de significado e passa a exigir do leitor e sua co-participação.

Com este romance, Puig resgata uma dívida com o Brasil, especialmente com o Rio de Janeiro, cidade que amou desde que pela primeira vez a visitou. Ao escrever a história de Josemar, oferece-nos com maestria e originalidade uma história de amor, com personagens muito humildes, gente pobre que estamos habituados a ver por este país afora, gente sem grandes horizontes, presa a uma servidão de que tenta libertar-se, magnânima e com suficiente grandeza para perceber as vicissitudes e contradições da história, gente a quem se paga o voto e a quem se promete muito.

Como Vargas Llosa que foi ao sertão de Canudos para recriar a saga de Antônio Conselheiro, Manuel Puig constrói também um retrato muito brasileiro, de uma história de amor, que, apesar de tudo e de todos, acaba por ser correspondido. Amor de Josemar e Glória, amor de que Josemar diz: "Se falar muito sente saudade".

Está aí um belo romance, uma bela história sobre o amor, palavra redescoberta por Ionesco, tema para o novo romance de Gabriel Garcia Márquez, palavra que se banalizou, mas que ainda nos pode comover e ajudar a romper o nosso isolamento e a nossa incomunicabilidade.